

ALVORADA

SEMANARIO

Director e proprietario — A. L. de Carvalho

Redacção e administração — R. N. do Commercio

Composição e impressão: Typ. Minerva Vimaranesse — Rua de Payo Galvão

A opinião publica

É um dogma do constitucionalismo, a equivalencia dum artigo, que esqueceu outorgar na Carta e diria assim, pouco mais ou menos—Todos os partidos políticos da nação portugueza disfructam o aplauso da opinião, enquanto se conservarem no governo—.

O chefe dum ministerio proclama,ahi pela manhã—tenho a meu lado a opinião publica—e o ministerio que á tarde lhe succede, immediata e categoricamente afirma que subiu ao poder a reclamações da opinião publica e vai com ella e por ella governar. Então acontece este phenomeno que não é falho de curiosidade—o ministerio demittido, a opposição, e outros partidos, egualmente opposicionistas, agridem o novo ministerio, em nome da opinião publica, e empenham-se em deruba-lo para satisfazer os urgentes e imperiosos desejos da mesma opinião publica. É em nome da opinião publica que os governos extrahem os impostos, que ella paga do seu bolso; é em nome da opinião publica que o governo amordaca a imprensa, que diz representa-la; é em nome da opinião publica que se corre á pranchada quando ella barafusta no enthusiasmo oratorio dos comicios ou se movimenta, aos gritos, revolta e magnifica de desasombro. Foi em nome da opinião publica que, no antigo regimen, se accenderam fogueiras que a cosinhavam de espeto e se tornaram celebres, na historia dos mais sangrentos attentados, as carnificinas, as perseguições, as espoliações—que continuamente a escravisaram.

Mas o que é, afinal, a opinião publica? É o pretexto, a figura de rethorica, o termo óco e enganador pelo qual, os que nos governam, fazem a sua vida. É o viva entoado pelos que estão no alto, é o morra que lançam, furiosos, os que aneiam por subir. Decomposta, analysada—a opinião publica é uma mentira. Se por ella se intende: a opinião do publico, sempre notaremos que nunca o publico teve opinião. O publico portuguez—na sua maioria lavrador ou pequeno industrial—anda a monte, analphabeto, degenerado, indifferente. Tem uma idea no estomago—arranjar a sua vida;—tem uma idea correlativa no cerebro—o patrão, o amo, o senhor. Varia a cõdea, a idea varia. Elle tem as suas magreiras e tem as suas pandégas. Por vezes soffre de azia, por vezes pula de contente. Quantos annos o trouxeram afastado dos negocios da sua patria! Quantos annos, perguntado sobre o que seria Portugal, elle apenas diria, olhando a

sua malga de caldo, olhando os trapos que escondem o pêlo fulvo do seu tronco, olhando para a mulher na gravidez do quinto filho e coçando a cabeça—é isto, a miseria! Pois lentamente, talvez demasiado lentamente, esse povo tem sido chamado á vida politica, tem sido instruido no amor civico. Por quem? Pelos republicanos. E, é triste mesmo assim confessa-lo, chegamos á hora em que o povo somente conhece do seu Rei o que do Rei propalam os sectarios da republica... No entanto, o governo invoca a opinião publica para fazer dictadura—enygmatico paradoxo!—e os partidos monarchicos combatem-o, em nome da opinião publica. Quantos vintens andarão aqui da tal e celebre opinião?

Bohemia jornalística

Ha uma luta feroz que torna o homem covarde, luta ignorada e sempre viva entre os seus ideais e as suas comodidades. Eternamente o homem é a mentira do homem, o mesmo caracter se oppõe no dia que vai correndo aos dias que passaram. O espirito procura illustrar-se e o homem fornece-lhe, recioso, as banalidades que o atrophiam; a intelligencia dita-lhe um procedimento audaz e o homem agacha-se a todas as escravidões que lhe matam a fome; o coração vibra no enthusiasmo do affecto, o sentimento commove-se com as desgraças e as miserias alheias, e o homem calcula os seus gestos d'amor e pisa, indifferente, todas as almas, cujo sacrificio se torne necessario para a victoria do seu orgulho. No intimo, o homem aspira a ser justo, o homem é um revoltado—e esse homem, todavia, especula com a injusticia e vende os seus ideais por um bom lugar. Aquella vontade que arrojadamente pensava em dedicar-se á luta pelo bem; aquella phantasia que sonhava modestamente com uma pequenina casa e offerecia o seu trabalho pelos outros homens; aquella mocidade enérgica e viril—é um administrador do concelho, é um deputado, espera a sua vez de ministro. Por que? Porque tem fome? Será. Mas o que elle deseja é evitar o maior trabalho. Elle foge á luta consciente. O que elle tem é orgulho. E bem farto elle troca dos utopistas...—Charada estúpida que resolve o problema do estomago pela suffocação da intelligencia!

Eduardo d'Almeida

Á ultima hora

O Ex.^{mo} Snr. Dr. Eduardo d'Almeida (a quem pertence a ideia da fundação d'este semanario republicano) diz-nos ás 3 horas da tarde de sexta-feira que não pôde assumir a direcção politica d'este jornal porque se retirará d'esta cidade.

Sua Ex.^a nos manda dizer tambem, que se despedirá por officio da Comissão Municipal Republicana, eleita em 26 do mez findo, ou seja, ha 5 dias. Ora, como promettemos ao publico que o jornal sahia hoje, eis o jornal.

A Redacção.

Chronica de Pierrot

Alvorada

Duas palavras—como se diz nas allocuções que medem a legua da Povoá.

Aqui está um jornal. Aqui está porque o projecto dum jornal é como a idea do suicidio—não larga quem uma vez nisso pensou. É o fatalismo. Ha o fatalismo até no erro e nós, voluntariamente, lançamo-nos no erro e na praça, a dez reis. Vimos cheios de phantasia, de simplicidade, de bons desejos de sermos justos, mas vimos pobres. Será uma loucura, mas é tambem uma delicia—a delicia do imprevisito. Entrar num restaurante com a bolsa fornecida, chamar o creado, escolher quatro pratos e come-los—é um praser; mas sair de casa sem dinheiro e com vontade, com appetite, á busca da providencia na rica pessoa dum amigo que nos convida, encontra-lo, ir na sua companhia, e, enquanto dura o bôlo, distrai-lo com notas alegres—de que tam carecida anda a vida portugueza,—sensibilisa-lo com episodios, pô-lo ao facto do que nos consta, do que sabemos, do que aprendemos, instrui-lo, serenamente, honestamente—é um praser maior.

O bôlo não é para nós—é para as despesas e para uma escola.

Queridos leitores—vai lavar-se a sentença!

Como resava o Gascão La Hire.—«Senhor Deus, supplico-te que faças por La Hire o que La Hire faria por ti se tu fôras capitão e elle Deus».

(De Michelet).

Em diligencia. A um solavanco maior pensamos que a diligencia estava immediatamente relacionada com a vida politica dum nação, como influira na litteratura e nos costumes romanticos. A diligencia é a provincia—a agricultura na paisagem, o trabalho dos campos, a philosophia completa das pequeninas coisas. Mas o governo é a capital—o luxo, S. Carlos, gente exteriormente mundana e despreocupada, gente exteriormente rica. A diligencia anda muito de vagar. Nós já fomos a Braga e já fomos a Fafe: nunca chegamos ao Terreiro do Paço. O povo mette-se no carroção, invocando a ajuda de S. Torquato, enquanto o governo corre á desfilada num expresso. Nós paramos para que elle não nos deixe esmagados na vertigem e elle não reparou sequer em nós.

Apita, silva, trantalha. Elle ahi vai. E para onde? Nós cá vamos, aos tombos, em detestaveis estradas, que elle não conhece, até á feira. Boa viagem.

Anthologia grega.—Prouvesse aos ceus que eu fosse uma rosa de macia purpura! Colher-me-ias com a tua bella mão e colocar-me-ias no teu seio mais branco do que a neve.

(Anonymo).

Diz a carta que o Poder Moderador é—chave de toda a organização politica. A Chave?! Gabinete da imprensa!—queira deitar uma querella aos 7:500, ao Senhor Pedro o IV e á Carta Constitucional.

Aventuras extraordinarias dum cadaver

Da morte para a vida

Um crime

André Torquato, creado da quinta de Botafogo, recolhia do monte, onde fôra em serviço de lavoura, por uma destas noites invernosas de maio, quando ouviu gritos humanos afflictivos. Na cerração tenebrosa, os seus olhos avidos conseguiram apalpar as sombras dum grupo de homens possantes que cercava um sujeito alto.

—Vamos, gritou, commandando, um do grupo. E logo todos os saltadores lançaram ao chão a pobre victima, ligaram-lhe os braços e as pernas; depois, brandindo foices roçadeiras, velhas espadas, cutelos, facas de matar porcos, entraram de o retalhar. A cabeça foi separada do tronco, cortaram-lhe os braços, as mãos, os pés, as pernas e dividiram o peito em quatro bocados! André ia gritar por soccorro. Mas acobardou-se. Elle teria o destino do outro, cujos restos mortais, dilacerados e sangrentos, os selvagens assassinos arremessaram pelo monte.

De fojo em fojo e de rocha em rocha

André largou a correr... Um nó estranho apertava-lhe a garganta. Fugia e os seus pés tropeçavam em carne humana, nos pedaços do infeliz que a seus olhos soffrera tam barbara morte. No principio da encosta parou extenuado. A noite era medonha e negra. Mas, ainda distante, uma luz brilhava. Quasi de rastos dirigiu-se para ella, na ancia do naufrago que procura um leme partido.

A casa misteriosa

—Vou mandar um creado para apanhar algum kilo de carne do morto—respondeu á sua narrativa uma velha repugnante, um carão de feiticeira, que devia ser a proprietaria da choupana.

—Que leve archotes, murmurou André. A velha, se mesmo aquillo era uma velha, desappareceu e André foi, então, accommettido por um grande susto. Bocejou—e logo pelo chão, nas paredes, do tecto enormes bocejos o acompanharam; medroso, suspirou e como um echo infernal se desentranhou em suspiros; tentou rir para afugentar o pavor e infinitas gargalhadas ulularam. Onde estava? Que terrivel magia tinha aquella casa?

Um cadaver num cesto

Mas, o creado voltára e apresentou á velha, cheios de terra e folhas seccas, os pedaços do cadaver. Tiraram do cesto a cara—era a de um fidalgo, de bigode e pera, já quarentão. Mandou a velha estender no soalho um lençol. Entregou a André uma candeia de azeite e disse-lhe:—Allumie.

Um novo Lazaro

O receoso André assistiu a um espectáculo satânico. Os seus olhos duvidavam do que via e com a mão direita os esfregava, incredulo. A velha, talvez antiga namorada de Mephistopheles, poisou no lençol um pé calçado em fina bota de polimento e fazendo uma linha recta, colocou sobre a bota uns centímetros de perna mettidos num corte de calça de casemira escura. Assim foi dispondo a carne e reconstruindo a figura do morto. E, ó coisa horrivel e bemdita! o cadaver começou a dizer adeus com os dedos, o seu nariz espirrou, os seus pés dançaram. Ergueu-se, de repente, satisfeito, completo, intacto—vivo! A velha tinha-o soldado, como o Rouquinho solda a asa duma cafeteira!

Senhor chefe da policia de Guimarães, participamos a v. ex.^a este crime—que é um quadro da magia: *O Raminho d'Ouro*.

Carta dum Pae

«Alberto
Consultas-me sobre o caminho que seguirás no conflicto academico, cuja noticia os jornais da manhã trouxeram ao meu conhecimento, pouco antes da tua carta. Louvo a resolução que tomaste de ouvir-me e confesso... que ella me embarça. Realmente—que posso eu dizer-te? O que eu furia, hoje que sou velho e experiente, é o opposto ao que sentes na consciencia que deves fazer. Eu estudaria serenamente o caso, procuraria chamar á ordem os amigos nervosos e irrequietos, deliberaria que, para obter o meu desejo, havia de colocar-me de forma a não crear um inimigo em quem estava no alto, para onde se remiavam os nossos protestos e donde se esperava a nossa justiça. Mas, tu és novo. A mocidade é alegre, a mocidade é louca, a mocidade é impetuosa! Tu vais lançar-te no irreparavel, arriscar uns annos do teu futuro, perder uns cobres da tua legitima, agravar o meu trabalho porque aggravas a despesa no orçamento da nossa casa. Aconselhar-te-hei a prudencia, a reflexio, a sensatez, isto é, o perfeito equilibrio entre a vontade e a intelligencia? Dir-te-hei: os desatinos, as pressas, a energia, prejudicam, addiam e tornam impossiveis, por emquanto ao menos, as vossas reclamações e o governo não as ouvirá, porque ouvi-las é descer de governo a governado? Ponderar-te-hei que teus irmãos soffrem com as despesas da tua formatura e que o nosso tempo é caracterizado pelo automovel—quem primeiro chega pri-

meiro vence—, atrasando tu, assim, nos preparatorios, uns annos que tinhas de aplicar á luta da vida?

Não. Estes sam os conselhos dum velho para um velho. Só me comprehenderás, meu filho, só os comprehenderes quando os meus netos, forem da tua idade. Eu sujeitava-me á responsabilidade, suggestionando-te, de mudar-te em fantoche—um equilibrio moroso de velho num rapaz de vinte annos. Eu era, talvez, um magnifico livro de regras de Salomão, mas não era pai. Ao bom acto de me procurares, correspondia influenciando-te, determinando-te para um procedimento que não deves seguir, que eu bem sei que não queres trilhar. Não me refiro agora á escravidão com que ligava o teu sangue novo ao meu sangue coprichoso e decrepito; sobre tudo eu contribuia para desnaturar a mocidade no que ella tem de mais levantado, ia arruinando na tua alma as espontaneas illusões que avigoram a intelligencia—e que, daqui a alguns annos, cruelmente, fatalmente, has de perder.

Porque ellas sam, hoje, indispensaveis, porque amanhã seriam perigosas. Os annos passam, mas não voltam. Aos velhos a calma, para os novos a impetuosidade viril, cantante, de bom aço nos musculos e de ideas generosas... muito embora enganadoras.

Vive amplamente a mocidade com todas as suas aspirações e com todos os seus erros! Eu mesmo deixaria a prudencia e o saber de amarguras feito para a reviver infinitamente...

Que te não envergonhes, que não envergonhes a tua consciencia e os meus cabellos brancos—é o meu aviso.

E, se tiveres de regressar para junto de tua mãe, que te perdoará as faltas pelo unico praser de abraçar-te, vem resolvido a trabalhar para que mostres não ser a cobardia ou da intelligencia ou da vontade que te domina.

Saudades.
Teu pai—Annibal.»

Reportagem

Revista de Guimarães

Sumario do N.º 1—Janeiro—1907:

Archivo da Collegiada de Guimarães, pelo Abade Oliveira Guimarães; Estatutos dos Cutileiros de Guimarães; Estatutos dos Carpinteiros de Guimarães; Subsídios para a historia vimaranense, por João de Meira; Boletim, por J. Gualdino; Balancete, por Francisco Jacome.

As Festas da Cidade

Diz João Chagas que a abertura, em Lisboa, da Avenida transformou a cidade. A Lisboa do Passeio Publico e a Lisboa da Avenida sam duas phases historicas, completamente distinctas uma da outra.

O mesmo diremos nós da resurreição das festas de S. Gualter, que é devida a um acto intelligente e energico da Associação Commercial de Guimarães, ao lado da qual, e por isso, desde já nos colocamos.

O estrangeiro, porque viviamos isolados e tratavam-nos não como da provincia, mas como de outra nação, raro se aventurava até nós. E mesmo quando apeasse na estação do caminho de ferro ou á porta do Cosme, perguntava pelo hotel, onde se fechava para almoçar e donde saia, apressadamente, pelo meio da rua, distraído, em busca da Sociedade Martins Sarmento, que fôra obrigado a conhecer, ou largava de tipoia para S. Torquato ou Pehna.

Resumindo as suas impressões de viagem o *touriste* declarava á familia: que Guimarães ficava num monte cheio de penedos e que possuia um templo em construcção!

Assim como os outros se es-

queciam de nós, começamos nós a esquecer-nos tambem... não delles, mas de nós mesmos. Um lavrador pergunta muitas vezes qual a necessidade de lavar a cara á semana, pois somente ao domingo conversa a namorada. E nós deixamos de lavar a cara... dos nossos predios, intende-se. Aborreciamo-nos infinitamente.

Mas, veiu o S. Gualter e foi como se a luz do sol nos batesse em cheio no leito em que dormiamos. Fanfarras, clarins, mulheres, rebucados, agua fresca, toirada, musica, foguetes, sol, o inferno em tres actos com hymnos esplendidos do snr. Vasco Leão e de Neuparth.

A cidade transformou-se. A festa é em agosto e dura uns tantos dias. Mas, o que a festa nos trouxe de melhor foi levantar-nos da moleza e obrigar-nos a pensar em melhoramentos. Vai-nos acontecer o que aconteceu a Lisboa com a Avenida.

Querem apostar?

Mas... fique antes o dinheiro, que perderiam, para a activa commissão que, neste momento, toca á campanha e apresenta um cartão—que tem resposta.

A Alvorada

olhando ainda vagamente o ceu e a lei de imprensa, sob cujos signos nasceu, cumprimenta os seus collegas.

Coimbra

Proposta aprovada na commissão central academica:

Considerando que o decreto ultimamente publicado sobre a questão academica é uma afronta á prohibida scientifica e á dignidade moral da Academia Portuguesa;

Considerando que a decisão governamental indica um desprezo injustificado pelo brio da modidade das escolas;

Considerando que a attitude até hoje tomada exige um procedimento altivo, sem exageros e sereno sem subvencias, de modo a indicar ao Paiz que pôde confiar nos rapazes de hoje;

Considerando que o citado decreto, sendo orientado pelas decisões dos lentes da Universidade, recalhando sobre os de Direito e Teologia a responsabilidade da sua parte afrontosa,—indica a inconsciencia dos mesmos lentes de Direito e Teologia.

Considerando que a Academia de Coimbra não pode colaborar numa burla monstruosa como essa a que o governo sujeita os seus proprios lentes;

Considerando que se torna hoje, mais do que nunca, necessaria a affirmção da nossa hombridade e da nossa repulção por quem nos tenta enxovalhar miseravelmente a troco de pretensos beneficios;

Considerando, finalmente, que da nossa attitude neste momento depende a definição do caracter da mocidade portugueza;

A Commissão Executiva de Coimbra resolve declarar aos seus collegas da Universidade o seguinte:

1.º—A unica attitude logica e honesta é fazer a greve ao encerramento de matricula; e neste caso

2.º—É conveniente que os estudantes das faculdades para as quaes foi concedido o direito de abrir cursos livres, se mantenham tambem em greve perante o encerramento; e

3.º—É nossa obrigação responder dignamente ás provocações do governo, fundadas nas resoluções de alguns conselhos escolares.

Estas resoluções são tomadas em harmonia com a opinião das escolas de Lisboa e Porto.

Coimbra, 25 de maio de 1907.

A Commissão.

A Semana

Regressou a esta cidade e reassumiu o seu cargo o exc.^{mo} snr. dr. Silva Leal, meritissimo juiz de direito.

Está para Coimbra o academico snr. Alberto Jorge.

Foi nomeado chefe de conservação das obras publicas o snr. Francisco Eduardo de Campos Beltrão.

Esteve no domingo em Guimarães, donde partiu para Famalicão, o snr. dr. Manoel Monteiro.

Domingo, pelas 7 horas, houve um pequeno incendio no predio do snr. José Eloy Garcia, onde está a loja de modas Oliveira & Silva.

O snr. dr. Arthur Bivar foi nomeado socio honorario da Associação de Classe dos Cortidores e Surradores.

A direcção da Associação Commercial poz á disposiçao de todos os commerciantes a impressão gratuita nos seus envelopes com o programma das festas.

Suicidou-se, nas Caldas das Taipas, Rosa Maria da Silva.

Partiu para Melgaco a fazer uso das aguas d'aquellas thermas o nosso amigo Aureliano Leão da Cruz Fernandes, considerado commerciante d'esta cidade.

Centro Republicano

Eleição da Commissão Municipal—Sessão de propaganda

No preterito domingo realisouse a eleição da Commissão Municipal sendo votada por aclamação a seguinte lista:

Effectivos—Dr. Eduardo d'Almeida Junior, advogado; José Pinto Teixeira d'Abreu, commerciante; A. L. de Carvalho, industrial; Antonio Joaquim Gonçalves, agente e Avelino de Faria Guimarães, commerciante.

Substitutos—Eduardo Pinto d'Almeida, capitalista; João Ribeiro Leal, commerciante; José Mendes Ribeiro Guimarães, industrial; Francisco Jacintho, cirurgião dentista e Ignacio Salgado, operario.

Eis os cidadãos a quem compete organizar e dirigir convenientemente as forças partidarias no concelho de Guimarães. Nella depositamos toda a nossa confiança.

SESSÃO DE PROPAGANDA

Realisouse no mesmo dia pelas 9 horas da noite uma sessão de propaganda para a qual vieram expressamente tomar parte os nossos correligionarios de Braga dr. Manoel Monteiro e Bento d'Oliveira, Theophilo Vaissier e Botelho Aranha, de Famalicão.

A entrada d'estes na sala é-lhes feita uma significativa e quente manifestação de sympathia.

A. L. de Carvalho faz as apresentações, e convida para presidir o membro da Commissão Municipal eleito, Eduardo Pinto d'Almeida, nome que é recebido com aplausos da assembleia.

Tomando a presidencia nomeia secretarios os cidadãos Theophilo Vaissier e Botelho Aranha.

Dada a palavra ao representante da Commissão Municipal de Braga dr. Manoel Monteiro, a assembleia acolhe-o com uma quente salva de palmas, quando o nosso correligionario se adeantou para fallar.

Figura insinuante e sympathica, com uma grande facilidade de palavra, o dr. Manoel Monteiro, falla por espaço duma hora.

A sua oração foi um formidável libelo contra o regimen. Tinha na voz aquelle calor que só dão as convicções arreigadas e a sinceridade absoluta.

Entrando na critica do actual chefe do governo, do coeiro que tem feito a apostasia de todos os principios proclamados com tanto vigor de fé na sua peregrinação de penitente arrependido, o dr. Manoel Monteiro, escarpelisa-o sob o vigor duma argumentação cerrada. Finda o seu admirável discurso perguntando á assembleia o que é que ficava esperando da monarchia e dos seus allicos, depois do completo desmentido dum homem que ousou ainda crear uma esperanza dentro dum regimen gasto e pervertido?

Usa seguidamente da palavra o nosso director dr. Eduardo d'Almeida.

Abre o seu discurso com uma pagina de coração para saudar no condiscipulo dr. Manoel Monteiro os fortes de character, aquelles que nunca periclitaram pela ambição de subir.

Esboça o quadro da nossa educação, atrasada e incompleta, tolhida no berço e deturpada pelo Estado.

Divaga sobre o actual momento historico e caíndo a fundo na actual situação politica, fulmina mais que o chefe dictador, mais que as camarilhas politicas, o proprio regimen, por absurdo e improgressivo.

O seu discurso magnifico foi sempre cortado por aplausos da numerosa assistencia.

O cidadão presidente encerrou a sessão depois de perguntar se mais alguém desejava usar da palavra.

Aos convidados e oradores offereceu a direcção uma taça de Champagne, onde se trocaram entusiasticos e affectuosos brindes.

Foi agradável a impressão que os nossos hospedes levaram desta festa republicana.

Revista d'Arte

CHARLES BAUDELAIRE

Um hemispherio numa cabelleira

Deixa-me sorver demoradamente, longamente, o perfume dos teus cabellos, nelles mergulhar toda a minha face, como um homem sequioso junto á nascente d'agua, agita-los com a mão como um lenço almiscarado, para espalhar no ar as saudades.

Se tu pudesses saber tudo o que eu vejo! tudo o que eu sinto! tudo o que eu ouço nos teus cabellos! A minha alma viaja sobre o perfume como a alma dos outros homens sobre a musica.

Os teus cabellos contêm um sonho perfeito, cheio de vellas e de mastros; contêm grandes mares, cujos ventos me levam para encantadoras regiões, onde o espaço é mais azul e mais profundo, onde a atmosphera tem o perfume dos fructos, das folhas e da pele humana.

Collegio do Espirito Santo.—Estiveram terça-feira nesta cidade, em passeio, os estudantes do Collegio do Espirito Santo, de Braga, em numero approximado a 300 alumnos.

Foi-lhes preparada uma recepção que resultou entusiastica, a que se associaram os estudantes do nosso Lyceu e Seminario.

Parece que a noticia devia ficar por aqui. Mas não. A reportagem traz-nos este echo da festa: os estudantes da nossa academia acompanharam sempre os seus collegas nas varias visitas aos monumentos da cidade, e, quando debaixo das mesmas manifestações os seguiam até junto do local aonde aos visitantes ia ser servido um *lunche*, as portas que davam para o recinto fecharam-se para elles.

Ora, como nunca o portuguez mais sizudo pôde supportar na cara o bater d'uma porta, (sempre que essa porta lhe não é indifferente) os nossos estudantes embucharam.

Parece que era assim que se deveria ler, se os brios da mocidade não fossem uma exterioridade insignificante que se põe de parte como qualquer collarinho suado.

Houveram excepções, gritamos. Mas foram tão restrictas!

Eis porque depois d'isto a briosa mocidade continuou as suas manifestações, sem o minimo aggravo para os promotores da recepção.

Roubos.—Na freguezia de Gondomar, appareceram ha dias, no adro da igreja, tres caixas de esmolas arrombadas. O parcho deu immediatamente parte na policia, e seguiram para o local dois guardas e o cabo Moniz.

Passaram busca na casa de um individuo de quem houve suspeitas, não sendo porém encontrado o dinheiro, que, segundo o parcho diz, deve andar por 200000 reis.

O individuo veio, debaixo de prisão, para esta cidade e a policia procede a averiguações.

No oceano dos teus cabellos, entrevejo um porto em que formigam cantos melancolicos, homens vigorosos de todas as nações e navios de todas as formas, recortando, as suas architecturas finas e complicadas, no céu immenso onde se pavoneia o eterno calor.

Nas caricias dos teus cabellos, encontro o adormecimento das longas horas passadas num sophá, no beliche dum poderoso navio, no balçoço imperceptível do porto, entre vasos de flores e refrescos.

No ardente lar dos teus cabellos, respiro o perfume do tabaco misturado ao opio e ao assucar; na noite dos teus cabellos eu vejo resplandecer o infinito do azul tropical; nas margens penugentas dos teus cabellos, embriago-me com os odores combinados do alcatrão, do almiscar e do oleo de côco.

Deixa que eu morda longamente as tuas madeixas pesadas e negras.

Quando mordico os teus cabellos, elasticos e rebeldes, parece que estou a devorar saudades.

—Queixou-se na esquadra policial, o sacristão das Capuchinhas, de lhe haverem roubado 4 libras em papel e prata. Foi preso para averiguações um individuo, pouco depois posto em liberdade por nada se provar. No entanto o verdadeiro gatuno, segundo os dados que a policia possui, é um tal Marianno *Ratadinha*, que desapareceu, andando-lhe a policia no encaço.

Lamentavel occorrença.—Na terça-feira ultima, deu-se uma lamentavel occorrença, que consternou todos os que d'ella tiveram conhecimento.

Foi o caso, que, andando a brincar na cerca do antigo convento das Dominicis uma creança de 2 annos, se afogou n'um dos tanques que alli existem.

A infeliz creança já se demorava a apparecer em casa, e, depois de procurada pela mãe, foi alli encontrada, no fundo do tanque.

Compareceu o sub-delegado de saúde que verificou o obito, sendo levantado o pequenino cadaver e sepultado em seguida.

Rusga.—Pela policia d'esta cidade foi feita uma rusga aos cafés da vizinha povoação de Vizella onde costuma jogar-se a bato-ta, dando insignificante resultado, pois que quasi todos se achavam fechados ás 2 horas da manhã, hora a que a policia ali chegou, assaltando apenas um café recentemente aberto no largo das Lameiras, pertencente a uma senhora viuva, de quem ignoramos o nome. Alli foram presos oito individuos, a quem apprehenderam duas navalhas, um baralho de cartas, e algum, pouco, dinheiro porque o *peixe era miúdo*.

A proposito diremos que não seria mau que o snr. administrador do concelho ordenasse por cá identico serviço a alguns cafés e tabernas, porque nos quer parecer que *algum peixe* devia ser apanhado na rede.

Não seria mau experimentar.

Os beneficios da Lua

A Lua, que é o proprio capricho, olhou da janella, enquanto dormias no teu berço e disse:—«Agrada-me esta creança.» E desceu suavemente o escadario de nuvens e passou sem ruido atravez dos vidros. Depois, curvou-se sobre ti com a docil ternura das mães e depoz na tua face as suas cores. Por isso as tuas pupilas ficaram verdes e as maçãs do teu rosto extraordinariamente palidas. Poi contemplando esta visita que os teus olhos se tornaram bizarramente grandes, e apertou a tua garganta com uma tal caricia que ficaste sempre com o desejo de chorar.

Entretanto, na expansão da alegria, a Lua enchia o quarto com uma atmosphera phosphorica, como um veneno luminoso; e toda esta luz viva pensava e dizia:—«Soffrerás eternamente a influencia do meu beijo. Serás bella da minha belleza. Amarás o que eu amo e o que me adora: a agua, as nuvens, o silencio e a noite; o mar immenso e verde; a agua in-

Espectaculos

Teve logar na quarta-feira o anunciado espectáculo no Circulo Catholico com as comedias *O casamento do Cabo d'Ordens*, *Valentes e Medrosos* e *O Diabo à Solta*. Os amadores que se encarregaram do desempenho destas comedias interpretaram os seus papeis relativamente ás suas aptidões scenicas.

A concorrência de espectadores, era pouco mais de meia casa. N'um dos intervallos foi distribuido um protesto.

Os seus signatarios diziam n'elle nomes feios aos promotores do espectáculo-beneficio, pois, affirmavam, que ao «Grupo Dramatico Gil Vicente», não pertenciam aquelles amadores.

Não sabemos se os que protestam teem direito de propriedade reconhecida, para que, sob o mesmo titulo, outros se agrupem com o mesmo fim. O que achamos é extemporaneo tal protesto.

Theatro Salão Artistico

Na quarta-feira, realisou n'este theatro a sua festa artistica, o actor Augusto. O publico encheu por completo o theatro, e representou-se a opera-comica *Os Sinos de Corneville*, que agradou, não só pelo poema como pela musica, que é lindissima e alegre.

O beneficiado, que desempenhou o papel de «Gaspar», manteve os seus creditos de artista.

Os restantes interpretes tambem agradaram e os côros estavam regularmente afinados.

Hoje temos o drama *Amor de Perdição*, e amanhã, domingo, *A Rainha Santa Isabel*.

Gambiarra.

forme e multiforme; o lugar distante; o amante que não conhecerás; as flores monstruosas; os perfumes que embriagam; os gatos que desmaiam sobre os pianos e gemem como as mulheres, numa voz rouca e doce!

E serás amada pelos meus amantes, cortejada pelos meus cortesãos. Serás a rainha dos homens de olhos verdes, cujas gargantas eu tambem estreitei em caricias nocturnas; dos que amam o mar, o mar immenso, tumultuoso e verde, a agua informe e multiforme, o lugar distante, a mulher que não conhecem, as flores sinistras que parecem incensos duma religião desconhecida, os perfumes que entibiam a vontade, e os animais selvagens e voluptuosos que sam os emblemas da sua loucura.»

E é por isso, querida creança festejada, que aqui estou deitado aos teus pés, procurando no teu ser o reflexo da terrivel Divindade, da fatidica madrinha, da ama envenenadora de todos os *lunaticos*.

(Do livro—*Petits Poèmes en prose*).

2911

Precisavamos d'um titulo para melhor reclamo e nenhum encontramos mais suggestivo, mais berante:—2911!

E' um numero, numero que se desdobra n'uma historia.

Ora, uma historia, é tanto mais interessante, quanto mais documentada fór.

Depois, a Opinião Publica tantas vezes explorada na sua boa fé, exige aquelles que a ella descem, mais do que palavras.

Obrigados a vir liquidar na rua um incidente que bem quizeramos não ver nascido, que a rua o oiça:

—Dous mil novecentos e onze, é o numero premiado n'uma rifa cuja extracção se verificou aos 17 de setembro de 1906, em logar publico, o qual foi previamente anunciado.

Feito isto e reconhecido o sorteio como legal, fez-se constar aos interessados do seu resultado.

Quatro mezes se passaram sem que ninguem se apresentasse a reclamar o objecto sorteado.

Dias mais e o snr. C. R. diz suppôr possuir o numero favorecido. Pede-se-lhe que faça a sua apresentação. Apresenta-o com uma crosta de stearina, e explica o facto. Uma coincidência, concluiu. Porém, como fosse precisamente o numero a parte encoberta, observa-se-lhe a necessidade em o tornar mais visivel. Muitos mais dias se passaram, um mez quasi, e o bilhete já liberto do pastel que lhe embarçava a nitidez dos algarismos, é dado ao desconto. Por quem? por o snr. C. R.? Não. Este *desinteressava-se* por um direito, que ainda ninguem lhe havia posto em duvida!

Mas divaguemos um pouco...

Quatro mezes para se apresentar um bilhete sobre o qual vive a expectativa da sorte, um mez para o limpar, depois que a expectativa entra nos dominios da realidade.

A primeira demora é crível, quanto a segunda é estranhavel. Na primeira vive a indecisão filha da incerteza, na segunda andou a ignorancia (?) de que o premio a *abichar* valia 150000 reis, symptoma evidente de desinteresse.

Mas prosigamos: Quem agora se apresenta a receber o premio é o snr. Barroso. O snr. C. R., como já dissemos, desinteressou-se, entregando a este o direito de liquidar.

Desejarão talvez saber que circumstancia particular faz intervir o snr. Barroso? Explica-se assim á moda do frade e das lampreias. Barroso compra tres bilhetes; entrega um ao seu amigo C. R., offerece um a outro, e guarda o restante. Ficaram divididos dous a dous, mercê do snr. Barroso ser amigo dos seus amigos.

O resto adivinha-se. O bilhete offerecido por elle ao snr. C. R. foi o unico que não sahio branco.

Entra-se na segunda parte:

O snr. Barroso, portador do bilhete, é convidado a uma reunião para o fim de se deliberar a entrega do premio que reclamava com direito. Elle comparece.

Alli, então, faz-se um exame ao bilhete, formulam-se conjecturas,

e conclue-se por *duvidar* da sua authenticidade.

—Convirá acrescentar, que, suspeitas desde ha muito que se vinham mantendo pelos precedentes já apontados e outros que mais logo se verão. O exame veio corroborar-as.

Como n'essa occasião se lhe fizesse notar que o cartão denunciava raspagem na parte reservada ao numero, elle declarou por forma terminante que não, pois que a stearina a havia tirado com o uso d'um ferro quente addicionado por sobre um papel de mata borrão. (Archive-se este seu depoimento para logo o confrontarmos).

Em vista de taes duvidas propuzemos-lhe o seguinte: que o cartão fosse verificado por alguns proprietarios de typographias. Aceitou. Succede, porém, que o snr. Barroso, homem sagaz, confiando mais em si do que nas conclusões d'um inquerito imparcial, foi-se antecipando na visita. Quando lá chegamos, já elles conheciam o assumpto com todos os achaques d'um informe a preceito, *i. e.* d'ahi, as respostas sahirem formaes, invariaveis, rapidas:

—«Não me parece que esteja viciado», dizia um.—«Em minha opinião não está viciado», acrescentava outro.

E até houve um, que em tom de austeridade immutavel, disse: —«Era melhor vocês dizerem que lhe não davam o objecto!»

Queremos acreditar que o snr. Barroso não se antecipou na sua visita no intuito de pedir aos donos das typographias o seu voto favoravel. Mas quem não conhece n'uma resposta favoravel um commodo estado de conservação? Um não, é secco, é hirtó, é intangível demais, quando se expressa deante de quem procura um *sim*. E' possível não ter havido viciação proposital, mas sim um caso incidental, e, por consequencia, as tres opiniões consultadas terem sido exactas nos seus juizos; é possível! Mas como as acolher, se ellas não foram o resultado d'um exame analytico, concreto?!

Mas temos mais e melhor: Aonde a sua qualidade de technicos, se elles não fazem uso nas suas officinas de machinas numeradores?

Todavia o pormenor mais importante a averiguar no bilhete eram, sem duvida, os quatro algarismos que formavam o numero.

Eis porque a nossa razão se propoz acceitar como mais abalçada a opinião do proprietario da typographia Minerva, pois era elle o unico que tinha tal aparelho, e, mais ainda, fôra com a sua machina que todos os bilhetes entrados na rifa se haviam numerado.

Fôr após o seu exame e a declaração de que o numero fôra raspado, que o snr. Barroso confessa então que em verdade o raspava para que assim melhor lhe *sahisse* um murrão ligado á stearina. Acrescentou ainda que se anteriormente havia contestado este facto, o fizera por mero esquecimento. A' creada devia o ter-se lembrado, pois fôra ella quem lh'o recordara.

Veja-se depois de tudo o que para ahí fica este relatório:

DECLARAÇÃO

Tendo sido procurado ha dias pelo Ill.^{mo} Snr. Bernardino Barroso, d'esta cidade, para dar a minha opinião sobre a authenticidade de um bilhete de rifa de que o mesmo snr. era portador, cumpre-me declarar que, depois de minucioso exame, cheguei á seguinte conclusão:

1.^o Que o referido bilhete, que tinha o n.^o 2911, além de conter uma grande mancha gordurosa, apresentava signaes evidentes e inludiveis de ter soffrido raspadura no logar em que se achava impresso o numero.

2.^o Que o numero não conservava as linhas horizontal e vertical que as machinas proprias lhe imprimem, parecendo haver sido impresso de duas vezes.

3.^o Que, finalmente, era de parecer que o referido bilhete apresentava dados bastantes a suppôr-se viciado.

Guimarães, 20 de maio de 1907.

Antonio Luiz da Silva Dantas.

Veja-se seguidamente uma das opiniões contrarias. E' uma opinião vazia de argumentos, uma opinião e mais nada.

Examinando o numero 2911 do sorteio de uma taça de prata, declaro ter como certo que o mesmo numero não soffreu viciação alguma.

Guimarães 29 de maio de 1907.

Francisco de Sousa.

Temos ainda n'este documento que segue, suspeitas formuladas, suspeitas deduzidas com criterio, pois tambem obedeceram a um exame.

O cod. penal prohibe toda a *loteria* que não fôr approvada por lei, art. 270, e é considerada *loteria*, e prohibida como tal, toda a operação *offerecida ao publico* para fazer nascer a esperanza de um ganho que haja de obter-se por meio da sorte, § 1.^o, e com a pena de multa, conforme a sua renda, de um a seis mezes, serão punidos os auctores, os empregarios e os agentes da *loteria*, § 2.^o

Loterias e rifas são a mesma cousa, port. de 31 de maio de 1865.

E' elemento constitutivo d'este crime, que—*a operação seja offerecida ao publico*.

Este elemento falta na rifa, de que se trata; portanto não é criminoso.

Os consulentes estão convencidos de que o bilhete, que é apresentado com o numero premiado, está viciado n'este numero, e não querem entregar o premio ao portador, que, por seu lado, os ameaça com procedimento criminal por crime de burla.

Os consulentes não devem fazer a entrega do premio ao portador do bilhete viciado, porquanto lhes pôde ser reclamado com todo o direito pelo possuidor do verdadeiro bilhete.

Não devem os consulentes temer que o portador do bilhete viciado os processe; este é que deve temer que os consulentes recorram aos tribunaes por tentativa de crime de burla, porquanto commette este crime, e é punido com as penas de furto *aquelle que defraudar outrem empregando alguma falsificação de escripto*, art. 451 n.^o 2.^o do cod. penal.

E' de acreditar que estando, como parece, o portador do bilhete viciado, em boa fé, pois, segundo affirmo, já assim o comprou, ou adquiriu, e não ha razão para duvidar, elle, logo que se *convença do viciamento*, desista da sua exigencia, por ser este o procedimento de todo o homem honrado.

Por isso, aconselho os consulentes a que aguardem os acontecimentos, os quaes lhes determinarão a conducta futura.

S. C. A. Motta Prego.

Vão sem commentarios para lhes não alterar o seu valor.

Em vista de opiniões tão criticas, nós só nos restava augmentar a duvida. O snr. Barroso não era, comtudo, convencido, e ameaçava-nos com os tribunaes. Chegou mesmo a fazer-nos medo com um simulacro, e entretanto, nós, no bom desejo de liquidar pelas melhores vias o intrincado

problema, mandavamos-lhe a seguinte proposta: «Desejando nós procurar uma conciliação de justiça sobre a authenticidade do bilhete que nos apresentou, vimos propôr-lhe um tribunal d'arbitragem que deverá ser assim constituído: o snr. nomeia dous peritos, nós nomeamos outros dous, aos quaes entregamos a questão, dando-lhe plenos poderes para a resolverem. Desejando acceitar esta proposta, queira communicar-nos os nomes dos seus peritos, os quaes devem reunir estas duas qualidades: serem pessoas reconhecidamente honestas e terem conhecimento exacto sobre o funcionamento de numeradores. Eis a unica solução razoavel, aquella que no nosso criterio se nos offerece apresentar no bom desejo de liquidar este incidente. Guimarães, 13—5—907.»

A esta carta elle responde:

Snr. Carvalho

Tenho presente a sua carta cheia de tributos, de que de tudo fico siente, mas como a sua cabula não me saptifas, sou a dizer-lhe que não aceito tal proposta. Como julgo o senhor e e os mais commicionados umas creanças, e eu que sempre me respassei pelos meus actos; tenho por fim dal-os ao desprezo.

Tenho a convicção de que estou no campo da honra, e por isso julgome sufficiente para disputar com os senhores, e seguirei a conducta que tenho seguido ate aqui.

Queira commenicar aos suas commicionados a minha resolução.

Sirva-se de esta minha missiva da maneira mais conveniente

Gui.^{es} 14—5—907

B. Barroso

E' edificante! pois não é verdade? Pois esperem, que no proximo numero saberão o resto, que não é menos interessante.

Havemos de pôr bem impresso o homem (?) que nos apodou de creanças, só por que, creanças, eramos teimosos n'uma duvida fundamentada!

Trazel-o-hemos, aqui, ao pelourinho da Imprensa, já que nos quiz envolver nas malhas do soalheiro, do insulto e da ameaça, só por que não cedemos deante d'uma *embrulhada*. Ha-de ouvirnos, snr. Bernardino, ha de attende-nos, snr. Barroso. O facto importante de ter abandonado a questão e o bilhete, (1) nada obsta a que não prosigamos n'uma descoberta.

A questão, para nós, principia agora. Até domingo.

Pejo Grupo Promotor, Candido de Carvalho.

(1) O bilhete foi-nos devolvido pelo snr. Bernardino Barroso, e conjunctamente uma carta que é um bello documento de estupidez.

ALVORADA

SEMANARIO

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e colonias:
Anno. 750
União postal:
Anno. 20000
Cobrança feita pelo correio,
mais 50 reis.

Annuncios e communicados,
por contracto.
Pagamentos adeantados.

Os assumptos de administração podem ser tratados na Typ. Minerva Vimaranesse.